

MOTA, K. M. S. Educação bilíngüe: a escuta da voz da comunidade. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

## EDUCAÇÃO BILÍNGÜE: A ESCUTA DA VOZ DA COMUNIDADE

Kátia Maria Santos MOTA (Universidade do Estado da Bahia)

*ABSTRACT: The questions of identity and social inclusion are the center of the current educational debate on worldwide immigrant children. With focus on Brazilian second generation of immigrants in the United States, this text describes the experiences of two communities in Massachusetts concerning Bilingual Education programs.*

*KEYWORDS: Brazilian immigrants; Bilingualism; Bilingual Education*

### 0. Introdução

Um dos efeitos marcantes da globalização na contemporaneidade tem sido o fluxo constante de migrações internacionais vindos de países periféricos. Calcula-se que atualmente existem cerca de 175 milhões de imigrantes e refugiados no mundo; só nos Estados Unidos o censo 2000 registra 32.5 milhões, ou seja, aproximadamente, 11.5% da população (Suarez-Orozco, 2004). O Brasil vem contribuindo com o aumento dessa onda migratória desde a década de 80, quando a instabilidade econômica do país impulsionou a saída de jovens trabalhadores que buscavam fazer dinheiro nos Estados Unidos e retornar ao Brasil. Decorridas duas décadas do início da emigração, essa população de brasileiros “fora de casa” vem aumentando, trazendo famílias e já se estabelecendo definitivamente em várias cidades norte-americanas.

As crianças e adolescentes, filhos desses imigrantes, têm enfrentado dificuldades de adaptação no sentido de conciliar a vida da escola com a da família; o distanciamento entre línguas e culturas provoca conflitos na interação familiar. Os programas de Educação Bilíngüe, supostos a oferecer uma ponte entre as duas realidades, não têm conseguido atuar efetivamente nessa direção. Neste texto pretendo apresentar um breve relato sobre a educação das minorias lingüísticas nos Estados Unidos e comparar duas experiências em Massachusetts: (a) as frustrações dos pais em referência aos programas de Educação Bilíngüe dos seus filhos, em Somerville (1995) e, dez anos depois, (b) os esforços de uma comunidade escolar para preservar a Educação Bilíngüe em funcionamento, em Framingham (2005).

### 1. Minorias lingüísticas e programas de Educação Bilíngüe

Estudos revelam que a EB se constitui a política educacional mais adequada ao atendimento das minorias lingüísticas, no sentido de reforçar o papel da escola como agente de empoderamento social das minorias, garantindo melhores resultados acadêmicos e facilitando a inclusão social no país de destino (Skutnabb-Kangas; Cummins, 1988: 393-394).

Na realidade norte-americana, percebe-se que, apesar dos recorrentes discursos sobre preservação da tradição étnica dos grupos imigrantes, o modelo cultural anglo-saxônico vem sendo “socialmente imposto” como o referencial-alvo do processo de aculturação. Fica evidente, então, que a assimilação se configura em um curto espaço de tempo como uma condição necessária ao processo de mobilidade social. Desta forma, as aspirações de ascensão social, com a conseqüente aceleração do processo aculturativo, ameaçam a solidariedade intragrupal e a sobrevivência da tradição cultural, resultando em alta probabilidade de perda da língua materna. A possibilidade de manutenção do bilingüismo torna-se muito remota nos Estados Unidos, pois, todos os grupos imigrantes manifestam tendências para a assimilação lingüística como parte da atitude anglo-conformista (Fishman, 1996; Veltman, 1983).

Em referência às políticas educacionais, é, sobretudo, a partir do início da década de 80, quando o perfil de identidade do imigrante nos EUA apresenta mudanças radicais, principalmente com as freqüentes ondas migratórias de hispânicos e asiáticos, que a educação bilíngüe começa a ser vista como uma ameaça à supremacia do inglês. Surgem, assim, grupos políticos (*English only*) que desejam a adoção do inglês na escola como a única língua de instrução, na tentativa de assegurar os princípios democráticos do ideal norte-americano.<sup>1</sup>

O debate acadêmico se fortalece liderado por duas organizações: a NABE (*National Association of Bilingual Education*), em defesa da manutenção dos programas de EB, e o *US English* que condena tais programas, insistindo na necessidade de garantir que a escola seja um universo monolíngüe. Os pontos sustentados pela NABE enfatizam que os programas de EB têm melhorado consideravelmente o índice de aproveitamento escolar das crianças imigrantes, reduzido a taxa de evasão escolar e estimulado a participação efetiva da família na comunidade escolar. Os argumentos apresentados pelo *US English Only*, por outro lado, fundamentam-se sobretudo na necessidade de se preservar um currículo nacional comum, que assegure a unificação lingüística como

facilitadora da integração social dos jovens como cidadãos norte-americanos (Hakuta, 1986).

## 2. Famílias de Somerville: expectativas e frustrações

O presente relato refere-se à experiência escolar dos filhos de 12 famílias imigrantes brasileiras residentes em Somerville, Massachusetts, a partir de dados coletados em pesquisa de campo (Mota, 1999). A questão aqui colocada refere-se à pertinência da escuta das opiniões dos pais sobre o impacto da EB na socialização dos seus filhos.

Na época da pesquisa, Massachusetts apresentava uma realidade demográfica nas escolas públicas de crescente diversidade étnica, pois 105.902 alunos (12% da população total dessas escolas) eram provenientes de famílias que não tinham inglês como língua materna. Essas famílias representavam quase 100 diferentes grupos lingüísticos, sendo que, dos 12 grupos de maior concentração, encontravam-se os falantes de língua portuguesa em segundo lugar (logo depois dos Hispânicos), perfazendo um total de 12.055 alunos.<sup>2</sup> Em Somerville, devido à alta concentração de famílias de língua portuguesa, pude constatar a forte presença de famílias brasileiras a partir do número significativo de crianças brasileiras matriculadas nas classes de EB. No ano de 96/97 foram matriculadas 286 crianças de fala portuguesa, sendo que 252 eram brasileiras; em 97/98 foram 294 no total para 264 brasileiras e em 98/99 foram 353 no total para 283 brasileiras.<sup>3</sup>

Participando durante dois semestres escolares (1995) de diversos eventos que envolviam a comunidade brasileira em Somerville (reuniões escolares, grupos de imigrantes, celebrações etc.) e acompanhando através de visitas, questionários e entrevistas, o processo de socialização das famílias brasileiras, procurei escutar as opiniões dos pais em relação à experiência escolar dos seus filhos. O estudo abrangeu um total de 24 crianças / adolescentes na faixa etária entre 7 a 19 anos, com tempo de residência nos Estados Unidos variando entre 2 a 10 anos. Foram registrados depoimentos que revelaram um alto nível de frustração dos pais em relação às expectativas iniciais que apresentavam sobre os programas de EB e a constatação da prática pedagógica desses programas na realidade escolar dos seus filhos. Os pontos principais freqüentemente repetidos nas suas colocações foram:

(a) acreditavam que a EB seria o modelo pedagógico ideal porque, devido à situação ilegal de residência no país, essas famílias transitavam entre a intenção de se tornarem cidadãos norte-americanos e o desejo de retornarem ao Brasil em futuro próximo. Sendo assim, constatei um forte

interesse dos pais em assegurar o bilingüismo dos seus filhos para que, de um lado, através da aquisição do inglês, pudessem ter maiores chances profissionais e por outro lado, através da manutenção da língua materna, ficassem mantidos os laços familiares que facilitariam o retorno ao Brasil;

(b) demonstravam insatisfação em referência à inadequação do conteúdo curricular em língua portuguesa, pois os professores eram, na sua maioria, portugueses voltados a atender muito mais ao sistema educacional de Portugal. Sendo assim, o material didático, a variante lingüística da fala do professor, os padrões de interação em sala de aula, tudo isso causava um estranhamento ao aluno que, conseqüentemente, se recusava a aceitar a presença lusitana como sendo a sua identidade de origem;

(c) denunciavam a qualidade do trabalho escolar nas salas de EB como inferior à das classes regulares, pois os recursos físicos e humanos eram visivelmente mais restritos;

(d) reclamavam que os professores apresentavam um baixo nível de expectativa em relação ao desempenho do aluno, não estimulando o seu potencial de crescimento, o que resultava em um rendimento escolar inferior ao do aluno em classe regular (tendo como parâmetro a realidade das crianças imigrantes vindas de países do terceiro mundo em geral que, em sua maior parte, chegam aos Estados Unidos com quase nenhuma experiência escolar no seu país de origem, os professores pareciam desconhecer a realidade daquelas crianças brasileiras que vinham de famílias de classe média e com um bom histórico escolar);

(e) reforçavam a dificuldade de desenvolver a competência comunicativa dos seus filhos nas duas línguas, pois percebiam que, principalmente as crianças mais jovens, não tinham tempo suficiente para amadurecer o processo de letramento na língua materna. Ficava evidente para eles que o programa de EB funcionava muito mais como uma forma de acolhimento menos traumático para adaptação ao currículo pleno em inglês do que como uma política educacional que pretendesse valorizar o repertório lingüístico-cultural do aluno, visando à manutenção do bilingüismo estável.

Em síntese, as famílias manifestavam a consciência de que o programa ideal para seus filhos seria um modelo contínuo de EB de boa qualidade pedagógica, visando a promover o desenvolvimento integral nas duas línguas, facilitando a formação de uma identidade híbrida (*Brazilian American*). Aos poucos, entretanto, iam desacreditando de tal proposta e passavam a expressar um estado de insegurança nas suas crenças e valores, ao perceberem que a assimilação total do inglês seria inevitável.

MOTA, K. M. S. Educação bilíngüe: a escuta da voz da comunidade. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Os dados conclusivos da pesquisa revelaram a tendência crescente do distanciamento entre família e escola e, conseqüentemente, apontavam para o fortalecimento das fronteiras lingüísticas intergeracionais, trazendo conflitos de comunicação na dinâmica social da família. Nesse cenário, o bilingüismo deixa de ser um processo natural, de convívio saudável entre duas línguas, e passa a assumir um caráter competitivo a fim de atender às divergentes expectativas entre família e escola. A escola promove o bilingüismo subtrativo, em que a aquisição da segunda língua implica a perda da língua materna; a EB atua, assim, como agente pacificador entre duas línguas / duas culturas, usando a língua materna exclusivamente como uma ponte de transição de acesso ao mundo lingüístico/cultural anglo-americano.

Reconhecendo que a escola não valorizava a língua materna, muitas famílias falavam do temor em perder o diálogo entre pais e filhos, já que os pais tinham enorme dificuldade em dominar o inglês, enquanto que os filhos muito rapidamente iam recusando o português. As direções inversas na escolha lingüística registravam uma inversão de autoridade nas relações familiares. Relatos de conflitos sobre a comunicação intrafamiliar, assim como de estratégias pedagógicas como tentativas para assegurar a manutenção do português, como a língua da identidade familiar, estão apresentados em Mota (2004).

### 3. Educadores de Framingham: esforços e inquietações

Em recente visita aos Estados Unidos, registrei sinais de uma nova realidade em relação à comunidade brasileira residente em Massachusetts. Em março de 2005, realizou-se em Harvard a primeira conferência nacional da imigração brasileira que contou com um número inesperado de participantes: pesquisadores e lideranças da comunidade. Foi voz recorrente que, apesar da dificuldade de se ter dados estatísticos de confiança, a comunidade brasileira vem crescendo nos últimos tempos e se espalhando por várias regiões do país, mesmo considerando a forte pressão política que os imigrantes vêm sofrendo. Uma outra constatação é que o perfil do imigrante brasileiro vem se modificando, apresentando uma maior diversidade sócio-cultural quanto às cidades de procedência, locais de fixação nos Estados Unidos, grau de escolaridade, faixa etária, ocupações profissionais etc. A presença de famílias com intenção de permanência mais duradoura, em contraste com um grupo inicialmente composto de homens jovens solteiros com fins de trabalho transitório, tem sido notada (Martes 2000; Sales 1999).

MOTA, K. M. S. Educação bilíngüe: a escuta da voz da comunidade. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Algumas das comunicações apresentadas apontavam para a preocupação com a segunda geração de imigrantes, discutindo aspectos sobre sua inclusão social na sociedade norte-americana, sua vinculação com a identidade brasileira, suas perspectivas de vida. Alguns aspectos investigados enfocam os dilemas identitários desses jovens em referência à dicotomia Brasil/Estados Unidos (Menezes:2003). Há um crescimento no número de crianças, filhas de imigrantes brasileiros, nascidas nos Estados Unidos. Tornam-se problemas de investigação sobre a segunda geração: o desempenho escolar em conflito com a jornada de trabalho vivida pelos adolescentes brasileiros, além das dificuldades dessa população jovem em ter acesso às universidades norte-americanas, independente do seu histórico escolar, devido à falta de documentação exigida (Sales, 2005).

Em Massachusetts, a presença brasileira está cada vez mais visível, principalmente nas pequenas cidades da região metropolitana de Boston, dentre as quais se destaca Framingham que tem cerca de 10.000 brasileiros em uma população total de 67.000 habitantes (Marcus, 2005). Alguns dados coletados de uma fase ainda bastante embrionária de uma pesquisa podem aqui ser discutidos. Constatei uma concentração significativa de crianças e adolescentes brasileiros nas escolas locais. Em documento estatístico sobre as minorias imigrantes, obtido pelo Departamento de Educação Municipal, pude observar que do total de 2663 crianças em escolas públicas que não tem inglês como língua materna, 1116 falam espanhol (41.9%) e, em uma posição bem próxima, estão 1015 crianças que falam português (38.1%). Esse aumento da população de fala portuguesa é decorrente da chegada contínua de famílias brasileiras. Em visita à escola primária Woodrow Wilson, por exemplo, encontrei classes quase que totalmente formadas por crianças brasileiras; a coordenadora da escola, Profa. Ana Velasco, acredita que atualmente 70% das crianças da escola são brasileiras. Pude observar também que as professoras são, na sua grande maioria, brasileiras, hispânicas ou americanas bilíngües em espanhol ou português; além disso, a escola mostra uma ampla sinalização através de avisos, cartazes, informações diversas, dando visibilidade à presença das três línguas (inglês, espanhol e português). Percebe-se que há um grande empenho dos profissionais no sentido de preservar um ambiente multicultural em que os alunos se sintam integrados a partir das suas identidades lingüísticas de origem.

Segundo os educadores locais entrevistados, a realidade escolar de Framingham justificaria, perfeitamente, a adoção de programas

bilíngües recíprocos (*two-way bilingual education*) em que todas as crianças (incluindo as americanas) teriam durante toda a escolaridade instrução dada em duas línguas (inglês/espanhol e inglês/português). Através de visitas em três escolas municipais e conversando com vários professores, coordenadores e administradores escolares percebi, entretanto, que a situação de inclusão que as escolas de Framingham tentam oferecer às crianças brasileiras é decorrente de grandes esforços que as autoridades educacionais locais e professores vêm desempenhando em contraponto à rigidez das diretrizes de políticas educacionais de Massachusetts que, cada vez mais, têm exigido a adoção de programas de imersão total em inglês. Em Framingham, as classes de EB são mantidas através de um movimento coletivo de resistência ao autoritarismo político atual do país – os entrevistados acreditam que a educação intercultural, que envolve o convívio com as duas línguas, é o modelo mais adequado para se promover a inclusão social das crianças. Nesse sentido, há uma visível postura de persistência em se oferecer o melhor para a comunidade, apesar de que os entrevistados não conseguem esconder algumas reações pessoais de desânimo, indignação e preocupação com o futuro incerto daqueles jovens imigrantes.

#### 4. Conclusão: o que mudou.

A legislação educacional de Massachusetts em referência às crianças imigrantes era considerada de excelência, pois foi o primeiro estado da nação que garantiu aos estudantes falantes de outras línguas pelo menos três anos de EB (*The Bilingual Education Act, 1971*). Durante as décadas de 80 e 90, as escolas públicas de Massachusetts ofereciam vários tipos de programas para atendimento aos estudantes com limitação de proficiência em inglês (conhecidos como LEP students – *Limited English Proficiency*), culminando com o Ato de Reforma Educacional, de 1993, que chamava atenção para a necessidade de se melhorar a qualidade dos programas de EB em uma política de equidade para todos os grupos populacionais.

Durante a pesquisa em Somerville, observei que a comunidade brasileira estava ainda muito dispersa, transitando entre o desejo de ficar ou de voltar para o Brasil. Os pais entrevistados eram de um nível escolar alto (predominantemente universitário) e tinham maior participação na vida escolar dos seus filhos. As queixas registradas não revelavam oposição aos programas de EB em si, mas discordavam da forma negligente de como os programas funcionavam. Na verdade, os depoimentos deles coincidiam com o que se ouvia nos ambientes

MOTA, K. M. S. Educação bilíngüe: a escuta da voz da comunidade. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

acadêmicos: os teóricos defendem a EB, mas, na prática, o descaso com as condições reais de funcionamento nas escolas conduz à negação da eficiência do programa. Não se trata de uma questão pedagógica, mas de uma ordem política. Tudo levava a crer que a EB seria extinta em um futuro próximo.

Já no final da década de 90, ocorre o fortalecimento dos republicanos na política nacional, além da crescente xenofobia resultante da chegada contínua de novos imigrantes, que, juntando-se aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, causa um grande retrocesso na legislação estadual em referência à educação das minorias imigrantes.

Atualmente, com o decreto da chamada Pergunta 2 (*Question 2*, 2002), a política assimilacionista do movimento *English Only* é fortemente retomada e os programas de EB estão sendo eliminados. Reforçam-se os programas de imersão total em inglês – os alunos devem ser testados (capacidade de sobrevivência) por um período de 30 dias em um ambiente de ensino exclusivamente em inglês; a permanência em programas transitórios de EB deve ser comprovada como sendo de extrema necessidade. Em síntese, independente da quantidade de estudantes falantes de uma determinada língua no mesmo espaço escolar, é do interesse do Estado que a escola se torne monolíngüe em inglês no mais curto espaço de tempo. A política atual de autoritarismo está claramente delineada nos documentos que circulam nas secretarias de educação. Em um desses documentos encontra-se a seguinte advertência: “Professores, administradores, superintendentes e membros do comitê escolar que usam/permitem usar a língua nativa do aluno para instrução podem ser processados, incorrer multas de representação legal e compensação monetária por danos sem assistência do sindicato ou seguro e serem banidos do emprego na escola pública por um período de cinco anos”.

Comparando à situação encontrada há 10 anos atrás, o comportamento das famílias em Framingham, de acordo com os relatos dos professores, parece ser bem diferente: são pais de nível escolar mais baixo, com uma experiência de migração bem mais traumática, uma valorização excessiva ao trabalho visando exclusivamente o acúmulo de dinheiro e, conseqüentemente, muito pouco tempo para acompanhar os filhos na escola. Todas essas condições adversas dificultam a adaptação escolar das crianças em um ambiente de exclusão da língua materna. Em contrapartida, felizmente, constatei um alto nível de comprometimento da comunidade escolar, talvez porque os professores, pelo fato de a maioria ser também imigrantes recentes ou descendentes próximos de imigrantes,

MOTA, K. M. S. Educação bilíngüe: a escuta da voz da comunidade. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

se mostrem mais solidários, sensibilizados e mais próximos afetivamente das crianças. Enfim, as duas experiências confirmam que situações de aproximação/distanciamento entre as comunidades familiar e escolar determinam a credibilidade e efetiva operacionalização de qualquer proposta educacional. Nesse sentido, a legislação educacional de Massachusetts se posiciona claramente como decorrente de uma política xenofóbica que se alastra nos Estados Unidos.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Contraditoriamente, no passado, quando as escolas oficiais em inglês e alemão, por exemplo, conseguiram sobreviver até o início do sec. XX, a não adoção pela constituição de uma língua oficial no país era vista como motivo de orgulho para o desenvolvimento do espírito democrático da nação (CRAWFORD 1991).

<sup>2</sup> Dados obtidos em The Commonwealth of Massachusetts. *Striving for Success: the education of bilingual pupils*. A report of the Bilingual Education Commission, Dec. 1994.

<sup>3</sup> Dados cedidos pelo Diretor de Educação Bilíngüe em Somerville, Dr. Luigi Palazzo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRAWFORD, J. *Bilingual education: history, politics, theory and practice*. 2<sup>nd</sup> ed. Los Angeles, CA: Bilingual Education Services, 1991.
- FISHMAN, J. (ed.). *Language loyalty in the United States*. The Hague: Mouton Humanities, 1966.
- HAKUTA, K. *Mirror of language: the debate on bilingualism*. New York: Basic Books, 1986.
- MARCUS, A. *Brazilians in Framingham: notions of place and ethnicity*. Paper presented to the 1<sup>st</sup> National Conference on Brazilian Immigration to the United States, Harvard University, Boston, 2005.
- MARGOLIS, M. *Little Brazil – an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.
- MARTES, A. C. B. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- \_\_\_\_\_, A. C.; FLEISCHER, S. (orgs.) *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- MENEZES, G. H. “A segunda geração de brasileiros em Connecticut.” In MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (orgs.) *Fronteiras Cruzadas:*

MOTA, K. M. S. Educação bilíngüe: a escuta da voz da comunidade. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 157-73.

MOTA K. S. *Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos: trajetórias de identidades em uma situação de bilingüismo*. tese de doutorado. Brown University, 1999.

\_\_\_\_\_. “Aulas de Português fora da escola: famílias imigrantes brasileiras, esforços de preservação da língua materna”. In *Cadernos CEDES* 24 (may/ago.2004): 63, 149-63.

PORTES, A.; RUMBAUT, R. *Legacies: The story of immigrant second generation*. Los Angeles: University of California Press, Ltd., 2001.

REIS, R.; SALES, T. (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. Segunda geração de emigrantes brasileiros nos EUA, In *Migrações Internacionais: contribuições para Políticas*, pp. 361-74, Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 2001.

\_\_\_\_\_.; LOUREIRO, M. *Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA, 2005*. (mimeo).

SKUTNABB-KANGAS, T.; CUMMINS, J. (Eds.). *Minority education: from Shame to Struggle*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1988.

SUÁREZ-OROZCO, C. Formulating Identity in a globalized world. In SUÁREZ-OROZCO, M.; QIN-HILLIARD, D. B. (eds.) *Globalization – culture and education in the new millennium*. Los Angeles: University of California Press, 2004.

VELTMAN, C. *Language shift in the United States*. New York: Mouton, 1983.